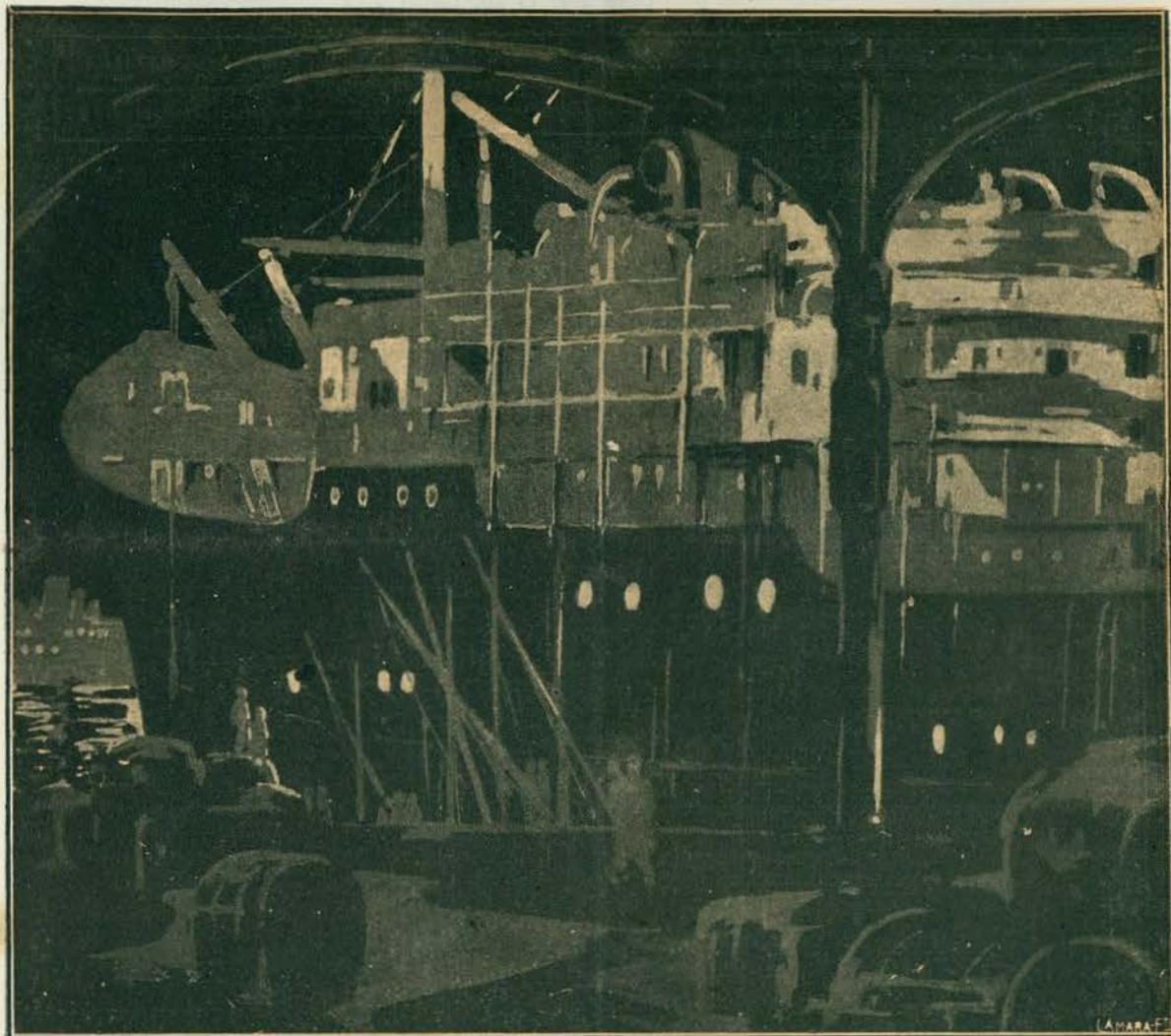


RENOVAÇÃO



NUM. 11

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES;

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Telefone: Trindade 5 3 9

SUMARIO do numero anterior:

Henrique Ibsen: a filosofia e o alcance social da sua obra por *Nogueira de Brito*, (com retrato do grande dramaturgo). — O Egito e a sua arte, (com gravuras). — Como vivem e morrem os elefantes, (com gravuras). — A caminho do degredo e as responsabilidades da sociedade, por *Ferreira de Castro*, (com gravuras). — Industria siderurgica, (com gravuras). — O 9.º aniversario da revolução russa, (com gravuras). — O circuito hipico, por *Mario Domingues*, (com gravuras). — O povo soberano... Apontamentos das ultimas eleições em Lisboa, (com gravuras). — As audições poeticas de *Berta Singerman*, por *Adolfo de Castro*, (com retrato). — Gente do mar, quadro de *Suarez Couto*. O mundo curioso. — Capa: desenho de *Rocha Vieira*.

Ano I—Numero 11

Lisboa, 1 de Dezembro de 1925



Renovação

A TRADIÇÃO PAGÃ DOS SINOS

Harmonias bárbaras e harmonias requintadas —

A evolução dos sinos — Como o cristianismo se apossou de um costume pagão. — A precária voz do som.

Soltam os sinos, do alto das torres, as suas notas metálicas e dificilmente harmónicas — e logo nos ares se espalha uma festividade sonora e vibrante, as almas simples elevam-se, quer em recato, quer em exteriorizações, na mais desafogada e na mais bárbara alegria. Não menos se enternece o cidadão, que se banha eternamente na fria materialidade das metrópoles, do que se recata o aldeão, na saudade bisonha da sua infância e, seguramente, da sua mocidade. E sucede também que, ao mesmo tempo, se recolhe o espírito do católico impertinente e se acalma a fúria tempestuosa do livre pensador.

Todas as almas do universo se irmanam no sentimento ao escutar a linguagem dos sinos — uma linguagem que não tem modalidades, nem etimologia, que não pode dar pasto de engorda aos vorazes lexicógrafos. E melhor que todas as cifras internacionais que pretendem ser idiomas, a linguagem bárbara dos sinos é compreendida dos humanos de todas as variadas raças do mundo: porisso, a religiosidade dela se apossou para a tornar sua linguagem.

Os toques do sino são as expressões da alma — e a alma só tem ritos pagãos, êsses belos ritos que veem dos tempos em que a cultura física e moral era razão de superioridade e não havia as práticas do culto religioso a entenebrecer os espíritos. O paganismo foi o mais formoso culto do espírito humano; adorava-se a plasticidade, admirava-se a natureza, a liberdade era o sentimento mais profundo e queria-se que a inteligência fôsse a mais alta qualidade do indivíduo.

E foi o paganismo que sentiu os belos efeitos de harmonia que se poderia desprender de um metal em vibração. Muitos séculos antes de surgir o alucinado Cristo, já a silhueta dos sinos se recortava nas torres e nos arcos. Os tempos vieram modificando a sua plástica: tomaram a forma de cilindro, depois a de mitra e tornaram-se quadrangulares, semelharam-se a barris, e assim foram os sinos usados pelos eípcios, chinos, hebreus, gregos e romanos...

E no transcurso dos tempos se transformou também a caprichosa morfologia do sino, desde a designação de *tintinabulum* até à de *gong*.

Da tradição pagã, que as religiões afogaram, ficou o sino. Os romanos não deixaram de o usar nos seus edifícios. Até que o bispo San Paulino — um bispo que tinha olho, como se vai vêr — que viveu em Nola, Italia, no século V, teve a genial idéa de ordenar a fundição de sinos maiores dos que existiam na sua Campania, e os mandou colocar em altas torres que se construíram junto aos templos. O povo acostumou-se a designar os grandes sinos por «*clocca*» e «*signum*» e chamando-lhe também «*nola*» por serem vistos muito tempo sómente na capital de Campania, residência senhorial do engenhoso bispo. Do nome desta província — Campania — derivou, então, a designação de «*campanário*» que o povo, ainda hoje, dá às torres das igrejas. Mas, só no século IX o cristianismo veiu divulgando, até às regiões do Oriente, a usança dos sinos nas horas do culto. E na idade média a usança se elevou ao apogeu, surgindo grandiosas maravilhas de fundição. Modernamente, a metalurgia industrializou o sino, construindo-os com aço magnífico, e dando-lhes uma voz muito civil, muito laica, muito século-vinte, aperfeiçoando-lhe a musicalidade, mas roubando-lhe o sentido religioso. E até a metalurgia consegue dar-lhe tonalidade, premeditando já o roubo da harmonia bárbara, com um processo de fundição em que entram 78 por cento de cobre e 22 de estanho.

O sino, assim construído, parece um ser dotado de vida, com a voz própria da sua linguagem, do seu idioma, que, por um carinho técnico, se torna de uma «*harmonia bárbara mas requintada*» ao ironizar o secular conceito da igreja:

* — Este sino, ó crentes, fala ao Deus verdadeiro, chama o povo à fé e o clero à congregação, chora os defuntos, afasta as tempestades e atrai esplendor às festividades...

Ninguém acreditará, e o sino não se despirá da sua feição pagã, a sua linguagem permanecerá sempre humana, sem o menor sopro de divindade. Os toques dirão da alegria e da tristeza dos homens, dos seus prazeres e das suas angústias, e nunca dirá cousa alguma do fervor religioso de cada um. No paganismo há ausên-

cia de religiões, porque nele só vibra humanidade.

O vagabundo que caminha na estrada embala os seus passos ao repenicar o sino da aldeia distante — praticou naquele dia o jejum porque não teve pão, a ausência de uma mulher na sua vida lhe deu voto de castidade, mas ele não conhece Deus, sofre as tempestades e não pode assistir ao esplendor das festas. Só crê na sua miséria e o reconforto do estomago seria para si a felicidade eterna — nada mais pagão, nem mais profundamente humano.

E quando os sinos tocam a noivados, consagram a procriação, o mais forte instinto da humanidade, e desmentem num canto-chão sordido, que corta a alegria do ambiente, a virgindade de Maria... Depressa, os buliçosos chamamentos dos sinos perturbam o recolhimento espiritual de um Deus provável: baptiza-se uma criancinha que a berros desmente a angelica compostura, e a gesticular expulsa secretamente o espírito divino...

E' triste, porém, a voz dos sinos quando dobra a defuntos — os sons de baixo profundo que o metal despenha vem pesar nas almas doloridas, mas a invocação torna Deus tão incognito que ninguém pensa nele e toda a gente fala do morto... E, no cemiterio, as badaladas que chamam o coveiro, arrancam lágrimas e ais de acrisolada despedida — é tudo.

Todos os dias, nas grandes fábricas, pequenos sinos gritam aos ares a dolorosa existência dos que trabalham. De manhã — que tristes — vôm como um dobre a defuntos — e os operários somem-se, engulidos nas guelas abertas das escuras oficinas. A' tarde, porém, — que alegria! — o monstro tem feito a sua digestão de esforço humano, e os mesmos corpos

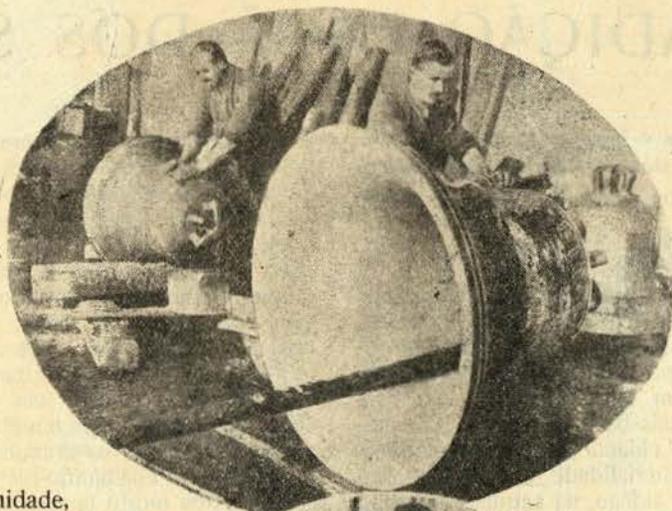
que enguliu, de manhã, expulsa agora, ansiosamente.

Na provincia, o sino é, tantas vezes, a voz do povo que se eleva aos poderosos. Os toques de rebate são o clamôr alucinado, não por Deus, mas pela salvação urgente. Há fôgo, vai-se o celeiro, arde a casa do vizinho... Há eleições,

não venceram os eleitos do povo, corre-se o cacique... Há o novo imposto a pagar, desrespeita-se o regedor e rasgam-se as intimações... E o sino a badalar, a badalar a rebate. Onde está, ó ministros de Deus, a resignação cristã? Que dizeis, ó divinos, deste furôr pagão, que o sino da igreja alimenta?

E a irreverência pagã exalta-se nêsse centro que não é cidade nem aldeia: a academia de Coimbra. A Universidade também tem sinos: um, é a cabra, outro, é o cabrão. O primeiro chama á cabulice das aulas, mas não é tão odiado como o segundo, que pretende armar em policia de costumes levando para casa, ao principio da noite, a mocidade estudiosa...

Ha sinos celebres. Celebres por suas tradições e celebres pelas suas extraordinarias dimensões. Entre nós são celebres os magnificos carrilhões e grandes sinos que se erguem no alto das torres do edificio do convento de Mafra, notavel pela sua enorme extensão. Foi edificado por D. João V, com dispendio de quantias fabulosas. Diz-se que levou treze anos a fazer e custou 19 milhões de cruzados novos. De 14.700 operarios era o numero geralmente empregado, mas houve ocasiões de se empregarem até 45.000. Os bada-



Em cima: Pulindo a campanula.—Em baixo: A colocação do badalo



los dos sinos que formam os carrilhões ligam-se por meio de arames a um teclado, cujas teclas são batidas com os dedos indicador e médio, de ambas as mãos, envolvidos numas dedeiras de couro. Toca-se, assim, como num piano, as mais variadas composições musicais.

Nada menos divino do que a feitura de um sino.

Numa cavidade aberta no sólo, perto de um forno, se prepara a fundição dos grandes moldes ôcos, cobertos exteriormente com uma capa de barro, a que os operários chamam «camisa», talvez recordando-se de Maria Madalena. Sobre esta capa de barro acciona uma prancha de madeira, á laia de tórno, que dá as formas desejadas à concavidade e ao exterior do molde. Uma enorme massa de metal liquido se despeja sôbre os moldes, havendo o cuidado de dar à fundição a fluidez precisa para que o som seja harmonioso e vibratil. E, depois de sair da fundição, desbarbadas e polidas as arestas, agregado a fogo o badalo, fica o sino de voz celestial... Como se fôsse necessário ensiná-lo a falar, o sino é erguido numa armação de ferro — o «castelete» — e ai fazem-se as experiências daquela voz que vai embevecer os poetas e inspirar as boas almas no culto profundo e subjectivo de uma tradição pagã divinizada...

Dlin! dling! dlong!

Dlong! dling! dling! dlong!...

Dlong!



A torre da Universidade de Coimbra onde tocam a cabra e o cabrão.

O convento de Mafra com os seus célebres carrilhões.



UMA HORA NA BOLSA

Terreiro do Paço. E' a hora impressionante em que a burocracia vai reduzindo o país a montões de papelada. A ordem está assegurada. Proximo, as sentinelas vigiam. As arcadas teem um franco aspecto de claustro enquadrando a vastíssima praça, e sob as suas abobodas passeiam, pausadamente, uns sujeitos muito graves que segredam coisas, como se estivessem num club exercitando as pernas para auxiliar a digestão. Param automoveis, trocam-se cumprimentos, sorrisos, e tranquilamente a sentinela continua fazendo ouvir o bater monotonico das suas botas sobre o asfalto.

Isto, com pequenas variantes, em todas as arcadas, mas ao fim da aboboda que confina com as encomendas postais, passa-se algo de extraordinario, de anormal, que colide com o pacato movimento das repartições públicas. Ali, sem duvida decorre, com uma desusada violencia, qualquer subita manifestação, vive-se num mo-

mento febril de assemblea em tumulto, porque se ouve cá fora um vozear aggressivo, uma algazarra toda feita de gritos cortantes, imperativos. A primeira impressão é que um grupo ousado de manifestantes invadiu uma repartição pública, e que em grandes explosões verbais, vai abafando o ruido da destruição dos moveis a aggressão dos burocratas. Porque o barulho que alcança chegar cá fora, é enorme, e não afrouxa de violencia, como pregoes de incitamento belicoso.

Entretanto, a sentinela da guarda fiscal mostra-se tranquila, e da repartição donde saem os gritos tumultuosos, aparece á porta, deslizando placidamente ao longo da arcada, uns sujeitos muito austéros a quem a gritaria não fez perder o seu aspecto bonacheirão. A não ser que o tumulto seja o eco de alguma manifestação operaria, no porto de Lisboa, e que os seus vementes protestos alcance transpor as abobodas. Porque é impos-

sível que estes sujeitos graves abandonem tão serenamente uma casa onde se barafusta tanto, de um modo tão inquietador.

E afinal são eles, os sujeitos graves, que assim oferecem este espectáculo de truculenta algazarra. São eles que numa sala apalçada, com grandes lampeões e certo ambiente de repartição pública, ao centro mesas circunscriptas, e em torno, cadeiras e secretárias, como numa aula de um curso superior, promovem esta vosearia infernal, como, numa casa de jogo, uma chusma de batoteiros, quando se descobre o truco dum dado falso. Peor. Aqui, as expressões são mais duras, a ambição é mais acentuada. O fogo do olhar é mais feroz. Respira-se um ambiente não da casa de jogo, com a roleta rolando sob a inspiração do acaso, mas a atmosfera carregada de um

Aqui é a batota gigantesca, declarada, porque a oscilação de valores é provocada para que na suas baixas e nas suas altas, o ouro baixe ou suba, deixando na sua brusca passagem a fortuna ou ruína, ao sabor de um acaso preparado.

E todo este bandoleirismo é exercido por uns indivíduos de frack, gesticulando, gritando como pecessos.

— Benguela 55... Compro a 14... Vendo a 16...

Em torno segreda-se:

— As acções da Companhia dos Fosforos sobem... Compre papeis do Banco Colonial... Hoje ganhei sessenta contos... Que tal a companhia das Lezírias?... Aquele sujeito ganhou na semana passada, trezentos contos...

— Amboim 53... O comprador é meu!...

E a gritaria nunca mais acaba, até que se ouve uma



A sala da Bolsa em dia e hora de transações

covil de bandidos que montassem uma batota para se devorarem.

Aqui joga-se, com uma incrível ferocidade, porque se joga a vida, o país, toda a vida industrial, toda a riqueza monopolizada nas mãos de poderosíssimas companhias, e tudo isto é feito em altos gritos, por pessoas categorizadas, enquanto a ordem, lá fora, representada sob as butifarras desta sentinela, passava tranquilamente como se fosse ela o porteiro desta batota colossal.

Benguela 55... Amboim 53... Compro a 14... Vendo a 16...

São os pregoeiros que, numa voz sinistra, todos a um tempo, cortam a atmosfera carregada com as suas ofertas, como num leilão macabro.

Nenhum mercado possui este ecoar de vozes aguçadas, porque em nenhum mercado se chocam tantos interesses, tanto dinheiro, tanto ouro.

Aqui não ha discussões entre o comprador e o negociante. Aqui: não ha productos à venda, a justificar o negocio. Aqui vende-se o dinheiro. Aqui é o ouro, a produzir ouro, a riqueza a atrair a fortuna ou a falencia, é o choque de dinheiro contra dinheiro, numa valorisação que oscila, como se o ouro se pervertesse, e numa enorme loucura semeasse a ruína, a prosperidade, com um maior, com um mais impressionante capricho de que os caprichos da roleta nas grandes batotas onde ha quem jogue muito a serio.

sineta. É um curto intervalo para fechar os negócios, para os confirmar. No alto, numa varanda, sobre uma ardozia vão-se fixando as cotações, e em todos os olhos erram estas exclamações!...

— Perdi!... Ganhei!...

No espaço erram milhões, correm fantásticas nuvens de notas e papeis de crédito, num choque de valores, numa batalha de capitais, em que o valor da produção, em que a apreciação do trabalho, unica fonte de riqueza, é ampliado ou cerceado ao capricho dos detentores de riquezas, dos exploradores da actividade dos que sucumbem nas officina e nos campos,

É assim a instituição oficial da bolsa. É assim que o trabalho humano é valorizado, aos gritos... gritos que valem milhões, gritos que enriquecem num minuto os ociosos, enquanto que aqueles que produzem a riqueza apodrecem em tegurios, sem a consciência do valor da sua actividade, do seu penoso sacrificio que vai engordar tanto parazita...

Edmundo Fernandes

A razão está por cima da lei.

MARMOTEL

À MARGEM DOS CONCURSOS DE BELEZA

A ELEGIA
DA MULHER FEIA

Todos os olhos se voltam para a mulher formosa, para aquela que detem o talisman da Beleza — e só ela fascina e só essa sorve, triunfalmente, voluptuosamente o mel da alegria de viver.

Só para a mulher bela os homens teem sempre um olhar ávido, só por elas os corações masculinos palpitam fortemente — e é ainda para elas que se inventam *toilettes* bizarras e joias refulgentes.

E a mulher bela sente-se assim adulada e esquece muitas vezes de descobrir tesouros espirituais, volvida como está para o culto da sua beleza exterior.

Sabe que será sempre admirada, sem que ninguém se importe devéras com o seu espírito — pois todos estão fascinados pelo seu corpo. Sabe que todos os homens, ao vê-la, terão uma exclamação íntima; sabe que será procurada para esses concursos de beleza que os grandes jornais organizam; sabe que todas as homenagens da vida lhe estão reservadas e que muitas vezes bastaria uma palavra sua para que um enamorado delas demande a morte, encostando um revolver à cabeça dementada por amor...

Sabem tudo isso e passam triunfantes, orgulhosas, certas que um gesto seu pode atrair a fatalidade ou a felicidade suprema...



Caras premiadas

Tipos de beleza: de mulher brasileira, ao alto; de mulher francesa, ao centro; de mulher inglesa, em baixo.



Elas pert urbam, tentam mes mo involuntari a mente, porque toda a beleza é tenta dora — e no corpo duma mulher bela a natureza parece ter personificado toda a sua harmonia.

Mas tudo tem o seu reverso, a vida é feita de dolorosos contrastes, esses contrastes odiosos e muitas vezes convencionais que permitem ao homem avaliar os seus próprios valores, as suas próprias concepções.

E assim, ao lado da mulher bela, há a mulher feia, que se convencionou chamar feia, pois muitas vezes a sua fealdade é meramente convencional e oculta até, paradoxalmente, uma enigmática beleza, que os olhos profanos não sabem decifrar desde o primeiro momento.

A fealdade na mulher, repetimos, é meramente convencional, porque a beleza não reside apenas em seu corpo, mas sim em sua alma, em seu espírito. E por um natural equilíbrio, é precisamente nas feias que se desenvolvem mais as virtudes espirituais; são elas que se debruçam longas horas sobre esses livros que falam de sentimentos puros e que enunciam horizontes de magna amplitude; são elas que conhecem todas as canções da ternura; são elas que sabem descobrir todas as células afectivas.

Emquanto as, belas se voltam para a adoração



do corpo, elas quedam-se no culto do espírito; enquanto as formosas se enebriam com a vida material, as feias sonham, sonham — sonhos de beleza infinita.

E são carinhosas e seu coração é um alegre onde florescem todas as rosas dos sentimentos nobres — e quantas vezes delas se exala uma densa simpatia, tão densa que desperta paixões como a própria beleza física!

E porque existe nas feias, oculto sob a fealdade, uma outra beleza, foi quasi sempre as feias que os escritores românticos elegeram para heroínas de suas obras, pois elles sabiam que só elas poderiam realizar essas acções elevadas e esses lentos sacrificios que exigem uma alma plena de sentimentos bons.

Cantaram os românticos as mulheres feias e sôbre a cabeça delas os poetas collocaram seus diademas líricos.

E a própria história, mesmo essa que devemos repudiar e esquecer como a uma mentira pretérita, está povoada de mulheres feias: — feias foram as heroínas de antanho, em sua maioria, feias foram as grandes escri-

toras, as grandes artistas, feias foram todas as mulheres que tiveram um papel importante dentro das colectividades do seu tempo. Por esse mesmo fenómeno de compensação que paut a natureza, dir-se-ha que todas as qualidades de intelligência e de valor são, dum modo geral, inimigas da beleza física. Esta vive só por si, para deslumbramento dos nossos olhos, enquanto a outra, a do cérebro ou do coração, se impõe à nossa alma.

E' necessário, pois, que não guardemos as nossas manifestações só para aquelas que tem um corpo formoso; é necessário que sejamos justos e pensemos também nas feias e pensemos com carinho e com ternura, porque detrás do biombo da sua fealdade se oculta tantas vezes, tantas! uma alma cheia de enlevo, uma alma propicia a dar-nos uma doce e tranquila felicidade.

As feias também merecem as nossas elegias, porque são mais modestas e até porque sofrem mais, e conhecem melhor, dentro do seu anonimato e isoladas dos olhos da Admiração, o que na vida há de profundidade de dôr.

O MUNDO CURIOSO

Em que consistia o sillonismo

Ao ser publicada a Enciclica de Leão XIII, a 15 de março de 1881, acerca da condição dos operários, fundou-se em França uma associação católica denominada o *Sillon*, cujo fim principal era o de atrair a juventude e converte-la ao modernismo social que aquele Pontífice propagou. O seu fundador, Marcos Sagnier, jovem e rico, consagrou a sua fortuna e a sua actividade á causa que com entusiasmo abraçara. Trabalhador e lutador incansável, concebeu as suas «Conferencias contraditorias» nas quais se bateu com os pro-homens do socialismo e do livre pensamento, criando posteriormente os «Circulos Sociais», afim de estender mais as suas idéas. Esses circulos eram as aulas onde os *sillonistas* estudavam e determinavam a sua attitude perante os problemas políticos e sociais.

O seu principio era: *Não se trabalha para a Igreja mas para a Humanidade.*

Os *sillonistas* admitiam no corpo da sua doutrina certos principios que o menos que podiam era acarretar-lhes a condenação pontificia, tão exclusivista em tudo. Prentendia Sagnier vincular a doutrina *sillonista* na democracia, excluindo de toda outra forma de governo a origem e exercicio da soberania, e como prescindiam da autoridade ecclesiastica, desprezando todo o freio e base teologicas, dando um caracter puramente laico ao sistema até ao ponto de não admitir de modo algum o clero como elemento director, senão ao sumo pontífice, como cooperator, mas sob as suas ordens, sem que para nada quisessem a intromissão de Roma, o clero suspeitou de que Sagnier e os seus adeptos pretendiam fundar uma religião mais universal do que a catolica.

Ao ver que o *sillonismo* tinha ganhado numerosos proselitos entre a juventude francesa e ameaçava ganha-los em outras nações, a Santa Sé viu-se na *dura necessidade* de condenar com solene anátema a doutrina dos *sillonistas*.

O lamentavel foi que não tiveram um gesto nobre e digno; depois de ganhar as simpatias das esquerdas com a excomunhão do papa e depois de desatender ás exortações dos bispos, submeteram-se aos pés da Igreja pelo que veio abaixo aquele edificio tao soberbamente levantado.

Marcos Sagnier pertence agora á Acção Francesa e depôs contra Germana Berton, no processo que contra esta foi instaurado pela morte de Marcus Plateau.

O uso dos carros como veículos

A maioria dos povos selvagens não conheciam o carro nem outra espécie de veículos. Foram os povos pastores e agricultores que mais usaram e propagaram o carro para transporte de pessoas e de distintos objectos.

O carro de duas rodas era conhecido na Asia desde a mais remota antiguidade, tanto para a guerra como para transporte, e ainda hoje na India, Indo-China e Ceilão, o carrinho leve puxado por burros ou zebras é muito mais frequente que o de quatro rodas, mas adornado e puxado por bufalos. No Extremo Oriente, onde o homem se emprega como animal de tiro, existem o *djinrikscha* japonês e uma carrinhola semelhante na Indo-China. Estes veículos serviram seguramente de tipo á *tarantosa* russa. Do mesmo modo adoptaram da Asia o modelo do seu elegante e leve carro de guerra, os gregos e também os egípcios. Os carros de quatro rodas deviam ser conhecidos na Europa desde longas eras, a julgar pelos restos encontrados na Cidade de Bronze, em Italia. As rodas e ornamentos encontrados nas escavações da Scandinavia, especialmente um grande carro triumphal achado por Petersen, em Djebjerg, Jutlandia, mostra que naquela época a construção de carros estava muito aperfeiçoada no norte da Europa.

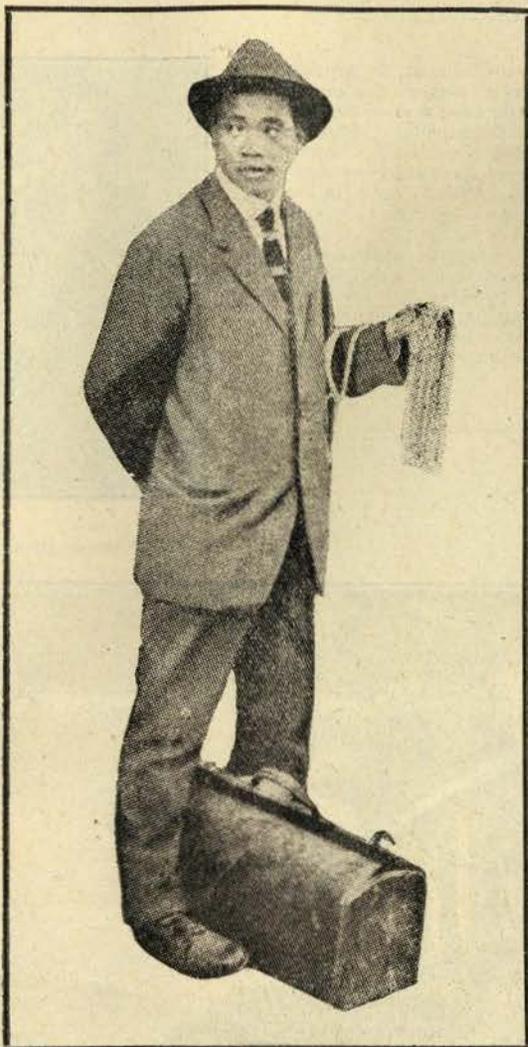
Os carros dos povos germânicos, que adquiriram uma importância nas guerras da época romana e na Idade Média, pouco diferem dos que ainda usam os camponeses da Europa central e occidental. Esta espécie de carro foi levada pelos boers holandeses para a Africa austral e pelos colonos da raça latina para a América meridional.

As representações gráficas antigas do carro encontram-se nos monumentos egípcios e por elas se vê que a sua construção é sumamente parecida com a dos carros romanos e gregos.

Arvore inflamável

Existe na ilha de Ceilão umas árvores que possuem uma interessante e simultaneamente perigosa propriedade que é a dos seus ramos se incendiarem quando friccionam com os das outras árvores. Até hoje, apesar de não poucas pessoas terem já procurado uma exploração para este fenómeno, ainda ninguém conseguiu averiguar qual a sua origem.

A invasão chinesa de... perolas falsas



De ha muito que a imprensa burguêsa vem enruando em terríveis formas o fantasma amarelo do perigo asiático. Um belo dia a China despertava do seu sono secular e a sua imensa população estendia-se como uma cobra desenroscando-se, e asfixiava a Europa. Vá esta de tomar defezas. A principal seria manter a China eternamente adormecida, e para isso lá estava a Inglaterra garantindo a sua supremacia com o commercio de opio. Estava salva, com um grande negócio, um verdadeiro negócio da China, a paz europeia.

Mas eis que os chineses começavam invadindo a Europa, numa invasão pacifica, é certo, mas perigosa segundo o conceito das autoridades encarregadas de vigiar a famosa civilização occidental. Nas grandes capitais da Europa aparecem aos bandos, verdadeiros avançados de chineses, transportando peçadas malas, como se conduzissem temíveis pacotes de explosivos. A Alfândega preocupa-se, e os grandes patriotas de nariz no ar, recordando velhos artigos de magazine onde um velho dragão devorava o galo francez e o leopardo britânico, murmuraram, medrosos:

— Será agora? Mas que virão fazer á nossa pátria esses chineses misteriosos?

Imediatamente pensou-se em maquinas infernais onde a paciencia dos filhos do ex-celeste império conge-minasse a rápida destruição do progresso mecanico do Occidente.

E de tal modo este receio fez pressão nos governos e nas autoridades encarregadas de manter a paz, que o francês, ainda não ha muito tempo, expulsava do seu território os misteriosos chineses, a quem tratou de chamar indesejáveis.

O chauvinismo conseguiu isto: apellar de indesejáveis, criaturas que procuravam, fóra do seu paiz, os meios de subsistência que ali lhes era negado.

Os perigosos e temíveis chineses invadiam a Europa com as suas malas apetrechadas de pérolas. Que deliciosa partida, que engraçados esses invasores originais, que assaltam os países, para lhes arremessar, para os destruir com perolas!

Que civilização tão diferente! Os europeus sonhando com a invasão amarela, uma invasão com canhões máqui-nas esplosivas, cultura de bacilos e os chineses entram na Europa, simplesmente com pérolas.

Isto é simplesmente poetico, dum espiritalismo bem asiático, e é essa poesia que faz o successo d'esses vendedores que percorrem todas as capitais da Europa, e que Lisboa, neste momento, vem observando nos cafés, nos restaurants, ou parados na rua á hora do maior movimento.

Donde veem esses homens e essas mulheres percorrendo o mundo com o seu pé pequenino, o seu sorriso impenetravel e seus olhos que nada dizem, olhos calmos como a tentação do mar quando sereno?

E em tórno d'esses róstos amarelos, d'esses olhos enviusados, a multidão pára, admirada, cogitando, fantasiando, deixando-se penetrar da sedução do mistério-

Donde veem elles? E as pérolas? Donde veem elas?

E este mistério, atirando a imaginação para países distantes, de fabulosas lendas, empresta á bijouteria, oferecida pelos vendedores chineses, o quer que seja de mágica influencia de talisman.

Aquelas pérolas, aquêles amoletos, aquêles pequenos Budas são como preciosas reliquias trazidas de logares embruxados, de logares que conhecem uma civilização bem diferente da nossa.

E' a verdadeira industria do mistério, é a sedução da longitude o que elles vendem afinal, esses chineses que invadiram Lisboa. Eles não falam, o que consegue dar mais pitoresco e mais mistério, áquilo que afinal não passa de um negócio.

O feitio inquieto dos portuguezes, cujos antepassados commerciam na China e no Japão, ao verem os chineses, nas esquinas das ruas, nos passeios públicos, nos cafés, procuram entabolar conversa e desvendar um pouco do impenetrável mistério.

— Donde vêm vocês?

— Dez escudos!

— Onde fazem as pérolas?

— Oito escudos!

— Parlez français?

— Seis escudos!

— Não quero comprar, só quero saber...

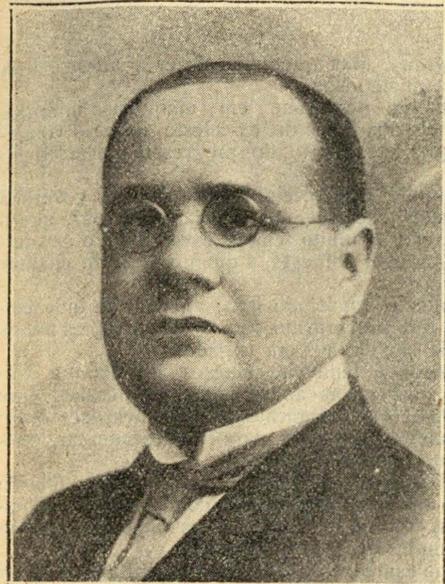
— Quatro escudos.

— Mas quatro escudos o quê? Isto?

— Esta... Esta... Dois escudos...

E eis como a própria curiosidade provocou o negócio, porque o remate d'estes dialogos é sempre isto: um mistério a mais e um colar comprado, um colar semelhante aquêles que todos nós observamos nos armazens de novidades, ao lado do ouro americano e das bonecas de celuloide, mas que não tem a valorizá-los aquele sorriso dos filhos do ex-celeste império, aquela sedução de paizes distantes e estranhos.

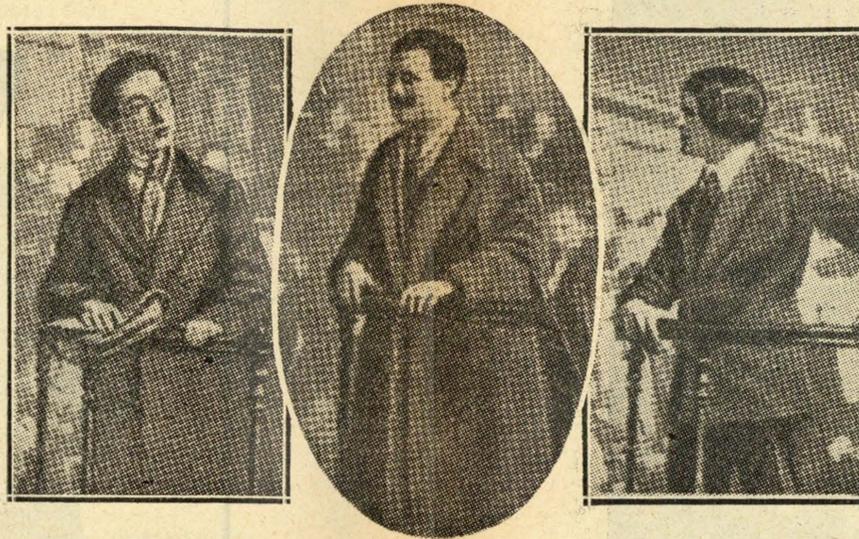
O feminismo em Portugal



O fervoroso abolicionista, dr. Arnaldo Brazão, que nas colunas do *Suplemento semanal de A Batalha* vem há um ano sustentando uma campanha enérgica e persistente contra a escravatura branca ou seja a prostituição autorizada e regulamentada pelo Estado, é também um feminista operoso e convicto. Como secretário geral que foi do 1.º Congresso Feminista e de Educação, realizado em maio findo em Lisboa, acaba de publicar em volume o relatório dos trabalhos dessa reunião magna das mulheres portuguesas, prefaciando com um interessante estudo sobre o movimento feminista.

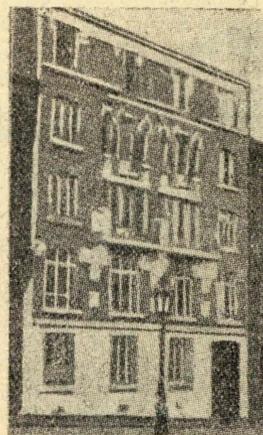
ACTUALIDADES

O processo Bajot-Daudet



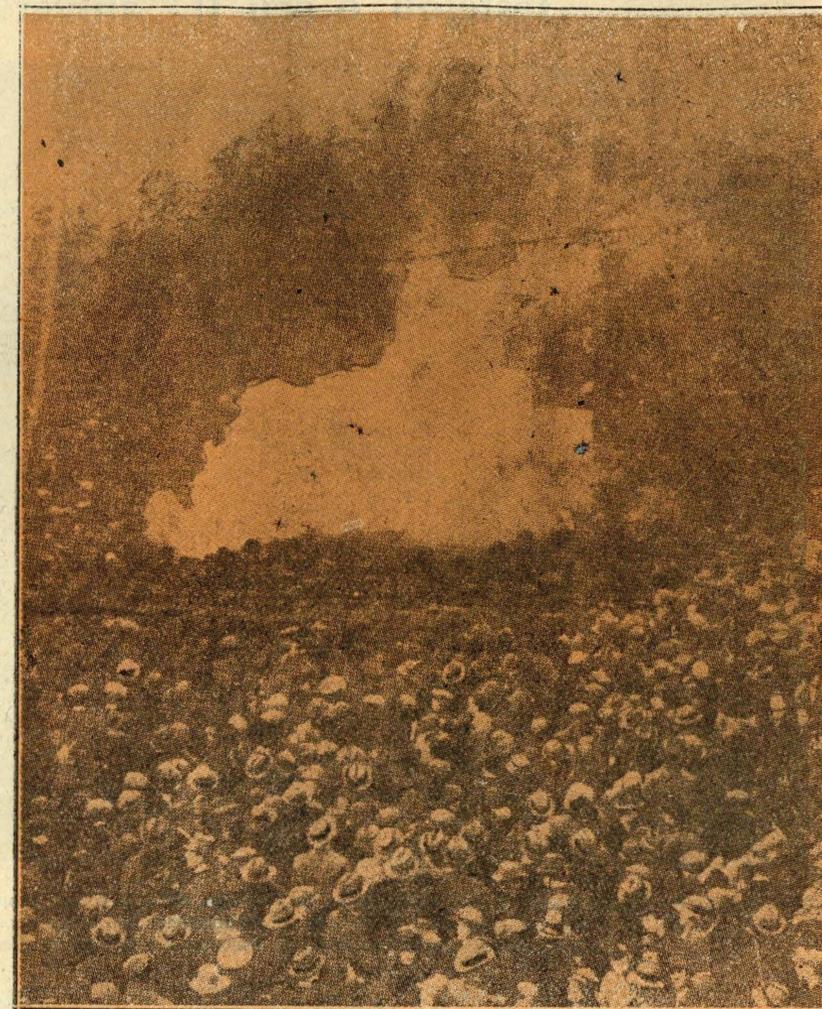
No processo intentado por difamação pelo chauffeur Bajot contra o reacionário Daudet que na *Action Française* se o acusava de ter transportado no seu taxi o cadáver do filho que, segundo o difamação, fôra morto na livraria de Le Flacutter, foi Daudet condenado além da pena correccional, em 50.000 francos de indenização a Bajot. Na fotografia junta vêem-se os anarquistas Georges Vival, Henri Favre e Colomer depondo como testemunhas.

O operariado em marcha



Os aderentes à Federação do Livro, de Paris, acabam de possuir uma casa própria na qual os seus diversos serviços disporão do espaço e acomodações necessárias. A *Maison de la Fédération du Livre* eleva-se na rua Jules-Breton, 7, à esquina do *boulevard Saint-Marcel*, Paris.

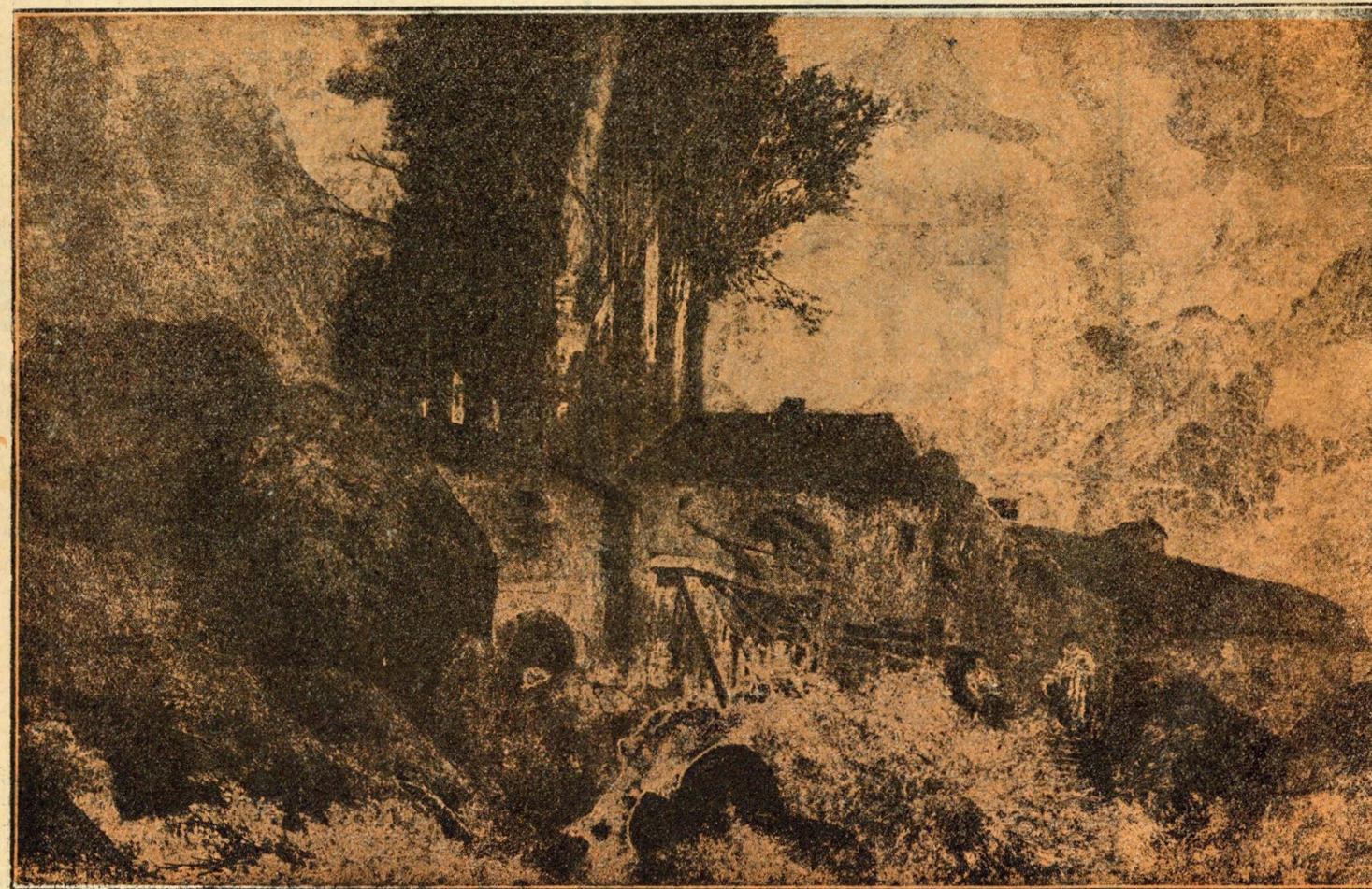
Explosão de uma bomba... lacrimogenia



Em Dublin, no dia 11 p. p., quando se observava os dois minutos de silêncio na celebração do 7.º aniversário do armistício foi lançada entre a multidão uma bomba lacrimogenia. A explosão produziu enorme pânico.

Campeonato de dactilografia

Quarenta dactilografas francesas, inglesas, belgas, suíças e espanholas disputaram ultimamente as provas de resistência e velocidade em máquinas de escrever. Concurso bem mais interessante e útil que o de beleza. Triunfou a jovem inglesa miss Eleonor Mitchell escrevendo 812 letras por minuto.

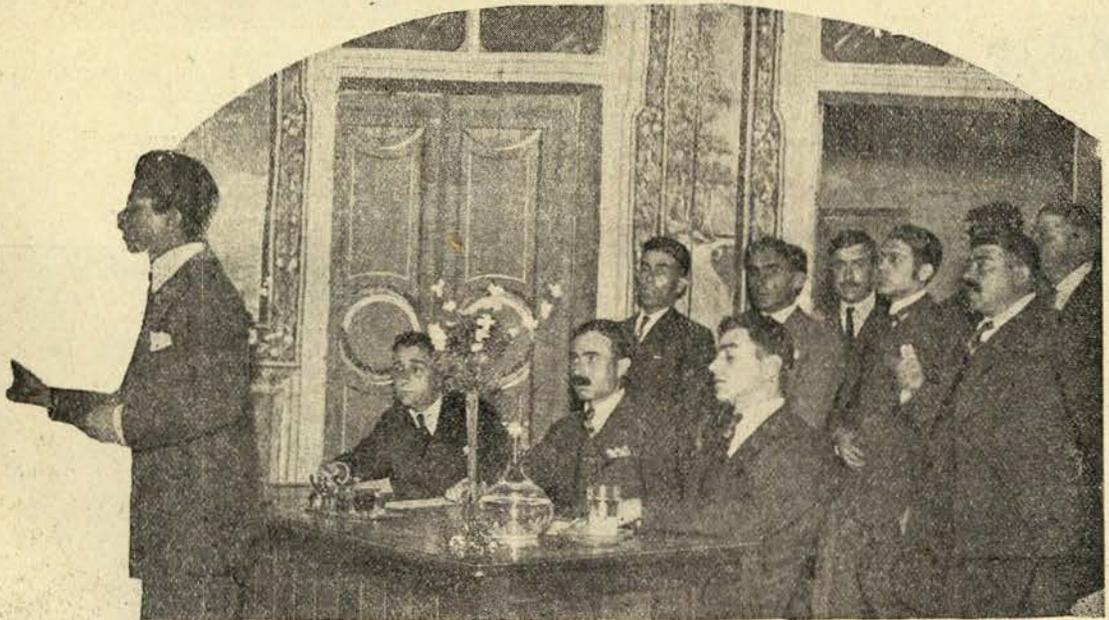


PAIZAGEM — quadro de Juan Espina Copo — Exposição Nacional de Espanha de 1925

Como o Sindicato dos Ferroviarios do Sul e Sueste festejou o seu 11.º aniversario



A assistência á brilhante sessão solene realizada no grande salão da sede social propria, no passado domingo, no Barreiro, e em que usaram da palavra varios delegados dos organismos operarios, entre eles a Confederação Geral do Trabalho e a Camara Sindical do Trabalho



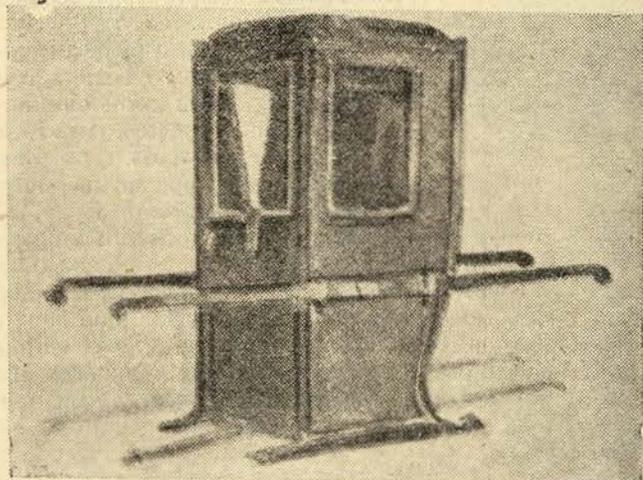
Mario Domingues realizando, á noite e na mesma sede do Sindicato, no Barreiro, a sua conferencia sobre «Arte»

VIAJANDO ATRAVÉS DOS TEMPOS

PARA A LIBERDADE DO TRANSPORTE

Da liteira ao avião — O ansiado domínio da distância e da altura — Pela rapidez, comodidade e comunização dos meios locomoveis.

Sempre mais além, mais veloz, mais alto... E o velho e alucinado anseio do homem para dominar as distâncias e as alturas, parece ser



A berlinda

também para precipitar a vertigem, impulsionar a vida para o turbilhão. E se as tradições o procuram deter na sua marcha para os longínquos e infinitos horizontes, logo são derubadas impiedosamente e cruelmente pulverizadas pela sua vontade onipotente, já sem a bênção de Deus nem a indulgência do Papa, porque a Igreja se fez mortal, ama e goza as maravilhas demoniacas do último século.

Caminhando incessantemente, ao despique com os tempos, viu o homem que as suas míseras pernas não poderiam ter o privilégio da velocidade e aplicou-se ao recurso material do transporte. Da indolência oriental, paradoxalmente, buscou a liteira que se fez tosco poltronamento de aristocratas, sem ganhar um grau mais de rapidez: apenas veio transmutar o escravo em besta de tiro. Muitos séculos resistiu a liteira ao desejo de velocidade e de comodidade dos humanos, mantendo-se pertinazmente privilégio odioso.

Nenhum princípio de liberdade se vislum-

brava na liteira, por isso, a tradição a acarinhou tanto tempo. O ofício de «cavalo de liteira» rebaixava a dignidade humana, só deveria ser exercido à força por desditosos escravos ou por baixos carregadores. A liteira não pode negar, assim, a sua bárbara origem: já, no bíblico «Cantico dos Canticos», Salomão descreve com exaltação a liteira de ouro e purpura. E sabe-se que os primeiros povos a usarem tão iníquo meio de transporte foram o grego com o seu *forcion*, o romano com a sua *beticari*, o chinês com o seu palanquim e o japonês com o seu *tchanpol*.

Passou o Sermão da Montanha a proclamar a fraternidade humana: embora! A liteira persistiu, conduzindo aos prazeres da vida faustosa os aristocratas indolentes. E quando cessou, uma vez, a escravidão, ainda houve muitos homens que se prestaram a substituir os escravos, dando existência à execravel liteira como meio de locomoção nas cidades e até nas viagens interurbanas.

E só muito tarde, quando já ia no declínio o século XVIII, talvez já nos prenúncios da Revolução Francesa, terminou o longo reinado da liteira, o maior na dinastia dos transportes, para lhe suceder a caleça fidalga, que também era usufruto regalado de burgueses. Veiu a caleça libertar os homens dos varais ignominiosos, mas a ansiedade duma condução veloz não foi satisfeita num só quilómetro. A demo-



A liteira

cracia era cousa ignorada e — contraste singular — deveria vir firmar-se no pântano político, primeiro que na vida comum das sociedades. A

caleça tinha, agora, duas grandes rodas e uma caixa levesinha; apenas um lugar para fidalgo ou dama, e os varais para instalação problemática do condutor. E a besta que puxava aos varais empregava, por cruel ironia das circunstâncias,



A caleça

esforço muito inferior ao do miserável liteiro.

Mas a caleça ainda herdara baixos vícios da liteira. Tinha a configuração de um trono e, para que o fidalgo a êle subisse, baixava-se o humilde caleceiro, que tinha a tara hereditária dos escravos e moços de liteiras, para fincar um joelho no solo duro e oferecer o outro joelho dobrado, à guisa de estribo. A única compensação do pobre seria a vista de uma perna elegante, o perfume sensual de uns vestidos luxuosos — se o passageiro fosse, então, uma dama que involuntariamente lhe patenteasse as tentações de uma carne moça... Só assim, o homem, sentindo o prazer inato da vertigem, impulsionava o minúsculo veículo para a louca velocidade...

O lisboeta parava a admirar essas damas fartas e formosas que se histerizavam numa corrida que parecia delírio naqueles tempos tão pacatos, em que o céu só pertencia a Deus e as estradas eram senhorio de El-Rei. Mas o reinado da caleça foi devéras curto. Surgira num momento em que a plebe começava pensando no seu direito a ser transportada. E na prática desse direito se tornou comum a ligeira locomoção. Sentindo instintivamente a conquista democrática dos transportes, o trucidar de todos os privilégios de condução sob as rodas vertiginosas do progresso, a fidalguia decadente e até o burguês de poderio recente, adaptou-se ao fiacre que se importara da moda francesa.

Estava porém, atirado o desafio aterrador entre o povo, que não quer andar a pé, e os senhores, que pretendem monopolizar a comodidade da condução rápida. Depressa surgiu na praça pública a sege para o freguês endinheirado; e a plebe atirou-lhe o seu desprêso de campeão pedestre, baptizando-a irónicamente de

«trem» pela disposição das suas ferragens, de «tipoia» pela aplicação que os esturdios lhe davam, fóra designações picarescas que o casto dicionário não regista, por imposição dos catoras que nunca se erguem do seu espaldar.

Mau grado a prosápia dos senhores, o povo conquistou o veículo da moda francesa, tornou-o bem lisboeta. A «tipoia» fez-se o reclame das toiradas em tarde de sol e vinho, fez-se o grito estríduo das mulheres e dos tunantes nas noites de prazer e estroince, a discreta confidente nos passeios de namorados e amantes, nas compras e visitas que faziam damas acreditadas e nas preocupações dos médicos activos...

Conquistada pela plebe a facilidade do transporte, haviam surgido logo os grandes carros hipomoveis, de muitos lugares, para toda agente, a preços baixos. E os grandes hipomoveis limpavam um pouco a «sugidade» plebeia do fiacre, do trem, da tipoia; porem, o burguês vira vulgarizado esse meio de transporte e, no seu odio ridiculo à democracia locomovel, apossou-se dessa maravilha mecanica e veloz que tem a flagrança do nosso seculo. O automovel surgiu aos olhos assombrados e investigadores do povo, a principio, desataviado e ronçeiro, e, por fim, elegante, comodo e rápido. Insultuoso no

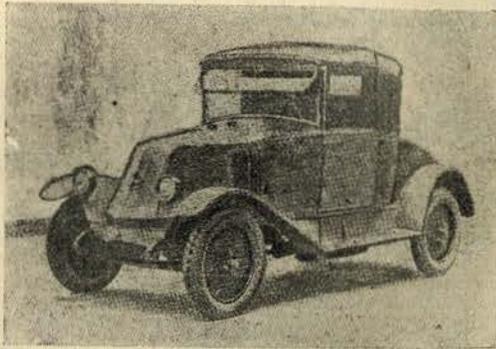


O trem de praça

seu triunfo, o burguês passou a sujar o povo com a lama que salpicava de sob o rodado desse moderno veiculo que tem em si a configuração da liteira, da caleça, da sege, do fiacre...

Entretanto, surgia também o carro electrico, bonito, alegre e veloz, a oferecer um lugar co-

modo e barato ao popular. Parecia garantir-se assim a deslumbrante aristocracia do automóvel que impava o burguês de vaidade e dava



O auto-taxi

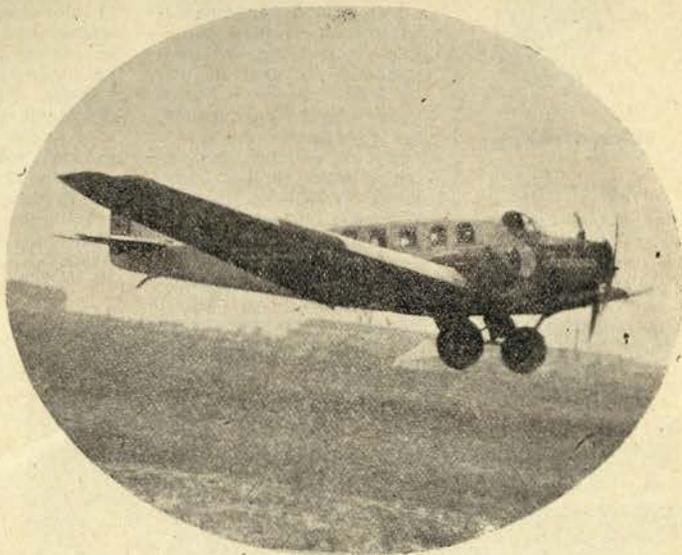
um «alegrão» ao raro popular que apanhasse uma «boleia» da amizade de um «chauffeur». As aristocracias, porém, são efêmeras no nosso século: como outrora, a caleça e a tipoia, o automóvel foi invadindo a praça pública, patenteando preços módicos que permitiam uma «loucura» por um ano ao vulgar lisboeta.

A traçar caminho para a democracia da velocidade, surgiu depois a *sid-car*, a moto-cadeira, que largo tempo dominou, vencendo facilmente o prestígio barato da tipoia e ameaçando, com uma severidade toda popular e irreverente, a fictícia aristocracia do automóvel. Na luta desigual entre os cavalos de tiro e os cavalos de força, fica moribunda a tipoia e torna-se comum o automóvel.

Os lisboetas já conquistaram o automóvel. O triunfo deu-lhe a Cooperativa dos «Chauffeurs», atirando para as ruas uma nuvem de *taxis* que regalam o cidadão, asfixiam de vez a arcaica tipoia e mandam ao diabo as

incomodas *sid-cars*, além de impedir que as passageiros dos eléctricos se elevem mais, já que não descem. Atrás de *taxis*, *taxis* virão — e não faltam, velozes e pequeninos, de tão módicos preços, que os eléctricos se tornarão transporte de ricos se teimam em sugar a bolsa do transeunte a pretexto de um simétrico quilómetro de percurso.

Mas o delírio da velocidade aumenta. O automóvel não basta e outro poder mais alto se levanta — o avião que se eleva às alturas a esfarrapar todas as leis da gravidade. O «Junker's» soberbo veio já oferecer novas emoções ao lisboeta, sem inquirir a que classe ele pertença. Agora é a vertigem, são as grandes viagens em poucas horas, o domínio do céu, a caça aos anjos, a troça a Deus... Está proclamada, por direito próprio, a democracia do transporte. Te-



O «Junker's»

mos já o automóvel *taxi* — mas quando teremos, senhores, — o avião *taxi*?

David de Carvalho

A OBRA DE ZOLA

É deveras curiosa a investigação de Marcel Prevost sobre as obras de Emile Zola.

Segundo ele, as obras de Zola eram quasi exclusivamente compostas de volumes a 3,50 francos.

Emile Zola escreveu 45 volumes, 25 de 500 pag. e 20 de 350, o que perfaz 20.000 paginas.

Cada pagina era composta de 36 linhas, e então escreveu 720.000 linhas. Como cada linha tinha aproximadamente 50 letras, escreveu 36.000.000 de letras.

Segundo Prevost, venderam-se, em lingua francesa, 2.628.000 volumes, donde se segue que o numero de letras saídas das tipografias da França e espalhadas por Zola foi de 2 triliões, 102 biliões e 400 milhões.

Admitindo que cada letra medisse o minimo de um milimetro, teriamos todas as linhas de todos os volumes vendidos do *autor do Germinal*, ocupando uma extensão de 2.102.400 quilometros; quer dizer, aproximadamente 52 vezes a circunferencia da Terra.

Colocando uns sobre os outros, todos os volumes publicados, a 4 centímetros de espessura cada um, mediriam 105.120 metros de altura, que é como se dissessemos, vinte e uma vezes a altura do Mont-Blanc, onze a do Himalaya ou 350 vezes a Torre Eiffel.

Os volumes que em França melhor se venderam, foram *La Debacle*, 213.000; *Nana*, 204.000; *Lourdes*, 165.000; *L'Assomoir* 151.000.

Prevost publicou esta curiosa informação em Março de 1906, feita somente com o que apurou nas tipografias da França.

JACINTO BENAVENTE

A SUA OBRA — A SUA ÚLTIMA PRODUÇÃO



Jacinto Benavente

crónistas, poetas e dramaturgos, a graça característica de muitos dos seus compositores musicais.

O que é preciso registar é a tendência de modernis-

A Espanha tem ultimamente feito salientar as suas manifestações artísticas e literárias por uma forma inulduível.

Com todo o casernismo torpe e opressor do ditador Primo de Rivera, não esmorecem as extraordinárias faculdades do povo espanhol. Refiro-me é claro à parte da nação espanhola que repudia a aventura de Marrocos e estremece de revolta perante a ditadura odiosa para a qual a liberdade do pensamento é um escarneo, e o direito de escrever desasombradamente é uma mentira.

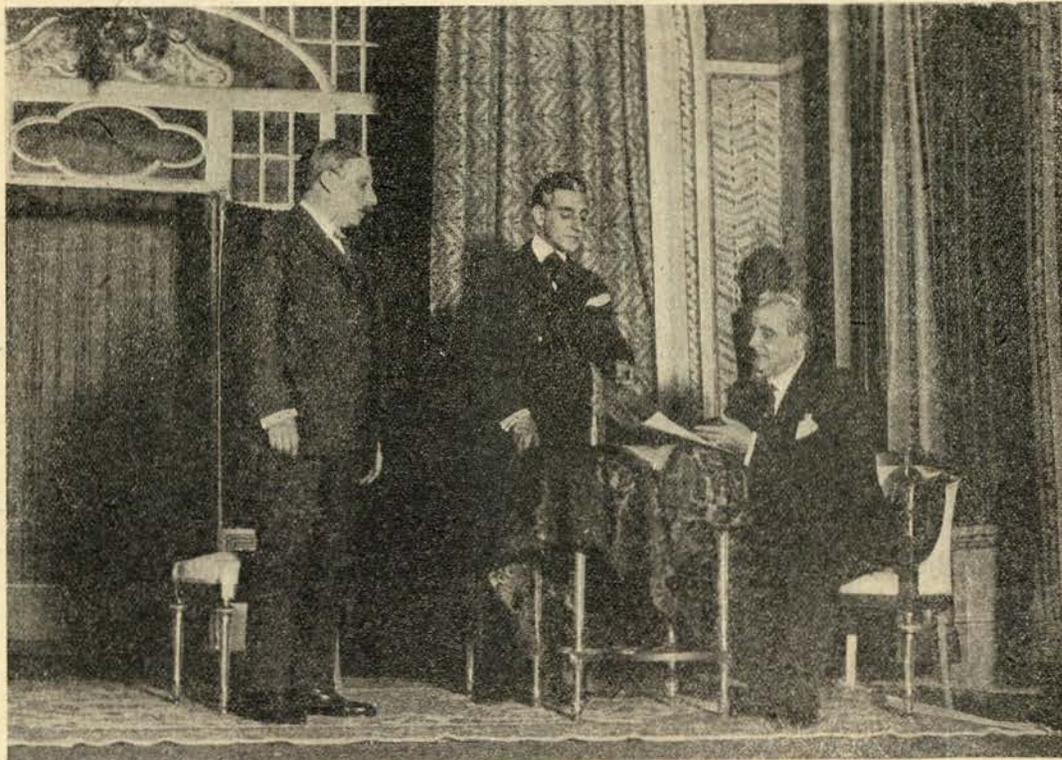
Para enaltecer o cultivo mental-artístico da Espanha, não é necessário recordar a beleza arquitetural dos seus monumentos antigos, o requinte literário dos seus crónis-

mo, a ânsia de progresso que ele acusa em todas as suas obras actuais e em todos os campos da pura estética e da elevação moral.

A Espanha acompanha briosamente todas as correntes da vanguarda. Na literatura são célebres as obras de Guimerá, Pio Baroja, Quinteros, Zorrilla, Muñoz Seca, Liñares Rivas, Benavente e Dicenta, e o polígrafo Menendes Pelayo, nas sciências humanísticas e sociais o catedrático Unamuno. Estes novos honram os seus antepassados Lope de Vega, Calderon, Espronceda, Juan de Mena e Tirso de Molina. A música espanhola sem perder o carácter típico-nacional orgulha-se de possuir na actualidade compositores notáveis como Albeniz, Granados, Manuel Falla, Pablo Luna, Serrano e Guerrero, continuadores progressivos de Chapi, Chueca, Giacosa e Gimenez, e Breton. O valor pictural de Velasquez e Murillo, encontrou recentemente continuidade expressiva nalguns dos pintores contemporâneos de Espanha, de que a escola barcelonesa é um segurissimo exemplo de tenacidade pelo talento e pelo trabalho. A moderna arquitetura espanhola exhibe presunçosamente nas suas cidades mais importantes edificios, especimens curiosos e de grande valia não só pelo segredo da solidez constructiva, mas ainda pelo harmonioso equilibrio de linhas.

A propósito veem estas considerações rapidas, da recente representação, continuada com grande successo, no Teatro del Centro, de Madrid, da comédia de Benavente «Alfilerazos».

Jacinto Benavente é um dos nomes mais interessan-



Uma das scenas mais interessantes do 1.º acto da comédia «Alfilerazos» de Benavente, estreada recentemente com grande éxito no Teatro del Centro, de Madrid

tes da dramaturgia espanhola de todos os tempos. A sua vastíssima obra ha de ficar com todos os defeitos de que enferma, mas também com todas as suas enormes qualidades.

O dramaturgo, em boa hora, desprezou a sua formação em direito, porque não teria decerto alcançado a celebridade que hoje logra no seu país e fora d'ele onde a sua obra teatral atingiu o renome extraordinário de que goza.

As grandes aptidões do escritor evidenciaram-se desde logo no seu belo trabalho crítico que são as *Cartas de mujeres*. Eram os vinte e oito anos ardentes em que a sua mocidade esclarecida pontificava e procurava expandir o seu talento de momento a momento rejuvenescente. A sedução que lhe despertava o teatro francês levou-o a imitá-lo nas suas primeiras tentativas dramáticas. Mas o seu espirito não se amoldava a essa sujeição literária. Nem por temperamento, nem por índole espiritual a sua inteligência se demoraria em autonomisar-se.

Encantado da simplicidade das coisas, enebriado da vida pura dos indivíduos entregues à candidez e à espontaneidade das suas afeições mais íntimas Benavente abordou com rara felicidade a comédia ligeira, despreocupada, natural e ingénua. Mas a experiência do mundo havia de insinuar-lhe a necessidade de manejar o cauterio, de enfrentar as taras, os ridículos, as perverções. E, sem tentar curar, mas sómente com o fito de flagelar, buscou no ironismo sorridente e na sátira cordeal um processo de ataque, um pretexto de amesquinha-mento de ridículos patentes, de aleijões palmares. É propriamente de 1903, já quasi a tocar nos quarenta anos que data a sua fixação no género dramático. Sabendo extraordinariamente comunicar interesse às suas produções, aproveitando os assuntos mais banais, escolhendo os temas mais ingénuos, Benavente com o seu estilo pessoal e incisivo, com a sua prosa fácil e amena, tem lançado à luz da ribalta um sem número de obras teatrais, que o colocam entre os mais fecundos dramaturgos de todos os tempos.

Não está isenta de reparos a sua produtividade dramática. Impressionista como poucos, deixando-se arrastar por sentimentos de ocasião, facilmente contaminavel por incidentes sentimentais, Jacinto Benavente acusa desigualdades de doutrina, crepusculos de sentido moral nas suas comédias e dramas. O seu conhecimento profundo da dinâmica dos bastidores, prejudica, não raras vezes, o conceito estético das suas obras, a nobreza plástica das suas personagens. Por isso nem tudo o que tem escrito se pode classificar de obra prima, certas inverosimilhanças o caracterizam, quebrando a unidade literária e deprimindo o contorno moral. Estão nesse caso «El tren de los maridos», «El marido de su viuda», «Cuento inmoral», «La comida de las fieras», «Los malhechores del bien», e «Dragon de fuego». Como contraste, o dramaturgo é dum

vigor contudente como flageador das chagas sociais em «Los intereses creados», «La fuerza bruta», «Lo cursi», «Señora ama», e «Por las nubes». Mas, quem percorrer a bibliografia de Benavente e compulsar a maioria dos seus escritos, não difficilmente verificará a desigualdade do seu critério. a mobilidade das suas asserções, a inconsistência dos seus ataques. Um seu biografo actual diz: *umas vezes tem gestos de Agostinho e sermoneia com arte inexcedível, outras franze o sobrolho e fala da pátria como um militar agarrado à bandeira.*

Efectivamente o escritor revolucionário, impetuoso de radicalismos, de hontem, toma aspectos de conservador, comodista, hoje. O que antes recriminava sem piedades merece-lhe piedade pouco depois. Principalmente nestes

últimos cinco anos de gestação, a volubilidade do dramaturgo parece ter refinado. Pois bem, Benavente atravessa agora, um periodo pleno de revolucionarismo, um instante febril de lutador que zurze a fraudagem parasitária e lança catilnárias veementes ao capitalismo universal. Foi o que trouxe da sua recente viagem à América do Norte, a apologia da greve como método revolucionário nos litígios entre o capital e o trabalho.

«Los alfilerazos» é uma peça moderna, satirizante da ordem social burguesa, em que o comediografo irmana o seu critério com o espirito combativo que perpassa pela sua outra obra «Los nuevos yernos».

Los «alfilerazos» devia ser traduzida em português, para que não seja conhecido entre nós o insigne dramaturgo, como um simples cronista de futilidades, como um ingénuo comentador de scenas banais da vida. O autor de tantas obras teatrais interessantes pela suavissima expressão que põe em toda a sua obra, tem de ser divulgado entre nós, para que o conheçamos bem

de perto e para que saibamos que o homem que escreveu «La farandula», «Operacion quirurgica», «Alma triunfante» e «La gobernadora», também é o autor dessas obras limpidas, duma brancura admirável que se chamam «Porqué se ama», «Despedida cruel» e «Rosa de otoño» e das esbeltas zarzuelas «Viaje de instrucción» e «La copa encantada», a primeira com música de Vives e a segunda de Liéo, sem que precisemos falar no simbolismo amoroso de «La sonrisa de Gioconda», «El ultimo minué» e «La historia de Oteló».

Vogueira de Brito

O erro do liberalismo tem vindo confundir a liberdade com o poder.

ZORAYO

O PALÁCIO DA JUSTIÇA

Perdido pela vida, sem o amparo do material sorriso, eu só pedia à sorte, que na dôr se comprazia, me levasse de mundo tão avaro.

Condoído alguém do meu viver amaro, um Palácio me aponta certo dia, aonde a sã Justiça se fazia, formoso sentimento nobre e raro.

No Palácio de aspecto o mais sublime eu entrei, mas, lá dentro, oh ceus, que vi! Só de lembrá-lo o peito se me oprime!

Num trono que nas trevas destingui dava leis à Virtude o negro Crime: vi fome, luto, dôr, pranto... E fugi!

Nov., 1925.

Bento Faria.

A RESSUREIÇÃO DA ARTE MUDA

A PANTOMIMA ENTRE OS GREGOS E OS ROMANOS

A PANTOMIMA E O TEATRO FRANCÊS

OS BAILADOS RUSSOS

O sucesso de miss Betty Blythe que, no Coliseu de Londres, alcançou um êxito surpreendente com as suas



Miss Betty Blythe em uma das suas cenas de arte muda, que está alcançando um êxito extraordinário no Coliseu de Londres

representações de expressões mudas, com a sua figuração coreográfica de quadros silenciosos, é um seguro indício da ressurreição da velha arte mímica dos gregos.

A Rússia acompanha também este movimento, e como na democrática Grécia, as pantomimas são uma afirmação poderosa de sinceridade e democracia colocadas ao serviço da educação do povo.

A pantomima na sua origem não tem outra significação. A necessidade de que o povo, enchendo as vastíssimas casas de espectáculo, pudesse apreender integralmente a intenção do artista, levou os gregos a suprimirem a palavra nas representações. A palavra chegava aos espectadores distantes, apagada, sem força, sem o menor poder de sugestão. Era um murmúrio vago, que cortava todo o possível fluxo emocional.

O silêncio era muito mais eloquente. O gesto sem palavras, era a profusa sensação transmitida sem intermediários. A palavra é uma convenção, um mal arbitrário cuja significação é variável. Muitas vezes, e é o caso, os vocábulos de cada língua são um obstáculo à percepção dos sentimentos.

Marmontel afirmava que a pantomima falava aos olhos uma linguagem muito expressiva do que a palavra. A mímica era muito mais veemente do que a própria eloquência.

A pantomima é a linguagem imediata, espontânea e igual para todos os povos. Os gregos que tinham um grande culto pela verdade, utilizavam-na como processo de educação.

O homem criou a palavra para ocultar os seus pensamentos, diz um filósofo. Quando o homem teve necessidade de comunicar aos seus semelhantes os sentimentos, reproduzia as suas impressões por gestos, por costumes, donde nasceu o bailado. Quando precisou de mentir, criou a palavra.

Os romanos chegaram a exprimir por mímica, para o povo, os discursos de Cícero, tal o poder impressivo da arte mímica.

Roscius e Esopus foram grandes artistas de pantomima. Cassiodoro dizia deles que as suas mãos eloquentes tinham línguas na ponta de cada dedo. Os romanos foram os grandes mestres, os grandes cultores da pantomima. O próprio Nero exibiu-se em público figurando num quadro mudo, e eram tão exigentes os romanos em arrancar à mímica a máxima expressão, que as representações eram executadas com máscara.

O que nos gregos era educação, nos romanos era scenografia de diversão, de banquete.

Os gregos executavam as pantomimas com o acompanhamento de flautas, e em bôdas os romanos faziam, muitas vezes, em cenas mudas, os quadros alusivos a todos os prazeres.

Assim se perdeu a tradição da pantomima grega, que veio a cair em semente de bacanais.

A França ressuscitou a pantomima com representações de quadros alegóricos. A mentira era figurada com um traje feito de máscaras, a música com um manto matizado de notas, e o vento, em fato de penas, um moinho na cabeça e um apito na mão.

Actualmente, a arte mímica ressurgue mais bela, mais completa, tal como a desejavam os gregos, na arte russa, com a criação dos seus bailados. A música interpreta os sentimentos mais subjectivos, e o gesto, desenhado na beleza do ritmo, plasticisa esses sentimentos, modelando-lhes apenas a essência, a verdade suprema.

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

O ultimo lusiada, por Mario Beirão. A reedição que acaba de ser feita deste volume pelos seus editores Aillaud & Bertrand é prova concludente do exito obtido. Só poetas como Mario Beirão conseguem vêr reeditados os seus trabalhos, pois, em geral, a poesia é mercadoria pouco vendavel no nosso mercado...

Camões lírico. Mais um volume da Antologia Portuguesa organizada pelo prof. Agostinho de Campos. O 3.º vol. de *Camões lírico* insere a conclusão das redondilhas, e alguns dos escritos e cartas do grande poeta, acompanhados de notas e comentários que tornam a sua leitura e apreciação acessíveis a todos. Edição Aillaud & Bertrand.

Educação Social. Revista de pedagogia e sociologia. Director: prof. Adolfo Lima. Publicação mensal. Sumário do n.º 11, 2.ª série de 16 de novembro: Dr. Henrique da Gama Barros — *Dr. José G. Santa Rita*; Como se faz uma escola — *D. Belmira N. de Figueiredo*; O canto infantil nas escolas primárias — *D. Cecília Gonçalves*; Em busca do equilibrio — *Floro Henriques*; Pelo teatro — *Joaquim Cardoso Gonçalves*; Do meu jornal... pedagógico — *Amaral*; Factos & Documentos; Pagina selecta; Livros & Revistas; Expediente. — Pedidos á administração da *Renovação*.

Culmine. Revista anarquica, de Buenos Aires. O n.º 3 insere os retratos, tamanho de pagina, de Ricardo Mella e de Leonida Andreieff.

Medicos portugueses. Revista bi-bibliografica. O n.º 2 é consagrado a Maximiano Lemos, inserindo 16 gravuras intercaladas no texto e 1 estampa fóra do texto. Pedidos ao director Barros e Silva para a Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Bolletín Communista. Órgan do comunismo internacional. 123, Rue Montmartre, Paris. Preço 75 centimos. O n.º 4, que recebemos, publica um esplendido retrato de Piatakow, por *Andréien*.

El Productor. Periodico de ideias e de critica. Recebemos o n.º 2. Preço 15 centimos. Calle Cataluña, 22, 1.º, 2.º — Barcelona.

Boletim da Associação de Classe dos Empregados de Escriitorio. N.º 1, com data de 8 de novembro de 1925. Rua Madalena, 225, 1.º — Lisboa.

La Revista Blanca. O n.º 60, de 15 de novembro, já está á venda na administração da *Renovação*. Dentre os artigos deste numero salienta-se o de Frederica Montseny sobre a etica e a estetica na vida de Réclus.

Almanaque das senhoras para 1926. Vai no 56.º ano de publicação este almanaque fundado em 1871 por Guiomar Torrezão. Muitas gravuras espalhadas pelas suas 400 paginas de texto, de leitura variada e interessante. Parceria Antonio Maria Pereira, editora, Lisboa.

Novo Almanaque de Lembranças para 1926. 76.º ano da coleção. Adornado de muitas gravuras e enriquecido com muita materia de utilidade publica. Parceria A. M. Pereira. Rua Augusta, 44 a 54, Lisboa.

Acontecimento editorial

Almanaque de A BATALHA

Para 1926

É posto á venda entre os dias 10 e 20 do proximo mês de Dezembro o *Almanaque de A Batalha para 1926*

Forma um volume de 160 paginas e contem, alem de muitos retratos e fotografuras de acontecimentos, a seguinte materia:

O almanaque do ano. — Indicações uteis. — Resumo, diario dos factos notaveis] da vida operaria portuguesa — Os grandes acontecimentos mundiais. — Militantes e propagandistas mortos. — Organização sindicalista. — Legislação operaria. — Endereços dos organismos operarios nacionais. — Ameniidade scientifica, filosofica, artistica e revolucionaria.

Preço do Almanaque de A BATALHA para 1926

Cinco Escudos

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA